

Prática de gramática na escola no ensino fundamental: como pesquisar

Grammar practice in elementary school: how to search

Rosangela Cristina Henrique*

Marlon Leal Rodrigues**

RESUMO: Neste trabalho pretendemos discutir a diferença entre a fala e a escrita e a utilização da gramática a serviço destas dentro de sala de aula. Para o embasamento teórico do trabalho foram utilizados os seguintes autores: Bagno, Faraco, Geraldi, Goulart, Koch, Luft, Lúzio, Orlandi e Possenti. A pesquisa será bibliográfica e com pesquisa de campo em uma sala de aula do oitavo ano do ensino fundamental de uma escola municipal. Analisaremos os trabalhos realizados pelos alunos, baseando-nos nestes para discutirmos as questões suscitadas pelo confronto entre a norma culta padrão x fala coloquial e como os discentes utilizam a gramática. Mesmo porque durante o nosso trabalho de pesquisa, constatamos que os estudantes apresentaram conhecimento entre a diferença da fala e a escrita; embora demonstrassem pouco tato no tocante às formas de consulta à gramática e pouca sapiência tanto das regras gramaticais quanto na manipulação da gramática, tornando-se assim alunos dependentes do saber do professor e sem autonomia de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática. Ensino. Sala de aula.

ABSTRACT: In this study we intend to discuss the difference between the speech and the writing and the use of the grammar at the service of these within the classroom. Our theoretical basis follows the works of the subsequent scholars of Education and Linguistics: Bagno, Faraco, Geraldi, Goulart, Koch, Luft, Luzio, Orlandi and Possenti. The search will be developed with bibliographical research and with fieldwork in a classroom of eighth grade of elementary school in a public school. We shall analyze the work done by students, basing ourselves on these to discuss the issues raised by the confrontation between the standard cultural norms against the colloquial speech, then observing how students use the grammar. Even because, during our research, we found that students had knowledge of the difference between speech and writing,

* Graduada em Letras (Língua Portuguesa e Literatura) - Licenciatura. Acadêmica do quarto ano (UEMS – 2014). Participou do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). E-mail: r01osangela.rch@gmail.com

** Graduou-se em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas) pela FERP-VR/RJ (1993), hoje UGD-VR Universidade Geraldi Di Biasi de Volota Redonda-RJ. Concluiu o Mestrado em Letras (Estudos Lingüísticos, Análise do Discurso, AD) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2001), Campus de Três Lagoas, doutorado em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e faz supervisão de pós-doutoramento (2008) na mesma universidade. Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, professor efetivo do Programa de Mestrado em Letras da UEMS-Campo grande, Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em Análise do Discurso de Linha Francesa AD. É membro do NEAD Núcleo de Estudos em Análise do Discurso (UEMS). Desenvolve e orienta pesquisas com temáticas relacionadas ao cotidiano, sujeito, à identidade e à história. E-mail: marlon@uems.br.

while demonstrating not enough tact with the forms of grammar consultation; it's because they do not know how to manipulate the grammar, so they become dependent students and they always need the teacher to know how to tell them the rules, in a way that they are not able to accomplish an autonomous research.

KEYWORDS: Grammar. Education. Classroom.

Introdução

O presente trabalho tem como objeto de estudo a prática de gramática em sala de aula. Nesse sentido a pesquisa é de cunho bibliográfico, utilizando-se dos estudos de teóricos e especialistas correlativos à área. Nosso estudo também é de campo por valer-se de trabalhos realizados pelos discentes, do oitavo ano, de uma escola municipal. Nossa proposta é pesquisar a utilização da gramática pelos alunos do ensino fundamental. A partir das dificuldades específicas que estes venham a nos apresentar, desenvolveremos atividades que possam levá-los a refletir e a praticar o uso da gramática como mais um recurso de aprendizado.

Neste estudo também analisaremos como os alunos pesquisam na gramática. Já que é nesta que obtêm e obterão o conhecimento da norma culta padrão. Assim, adquirindo um instrumento de suporte à linguagem que previamente obtiveram em casa. Algo que terão a possibilidade de utilizar como ferramenta auxiliar em suas interações sociais e comunicativas. Uma vez que a ferramenta principal consiste no bom desempenho durante os processos de enunciação e comunicação. Entendemos que é na gramática que os alunos obtêm as regras da língua materna para usá-la na vida escolar e profissional.

Como um de nossos métodos investigativos, elaboraremos atividades sobre a diferença entre a língua falada e a escrita, em sala, procederemos também com a montagem de um fichário, por parte dos alunos, que parafraseará e exemplificará os conceitos gramaticais dentro da sala de aula. Como estímulo à reflexão sobre o uso da língua portuguesa; uma vez que durante as atividades os alunos serão estimulados a confrontar a linguagem coloquial com os conceitos gramaticais e as normas de ortografia, etc.

Dentre as demais questões sobre as quais nos desenvolveremos, também será de nossa finalidade observar como ocorre a transmissão do conhecimento gramatical na escola, já que em ambientes mais formais é essa adequação da língua que será exigida no futuro desses alunos; exigência do mercado de trabalho, dos vestibulares e concursos. Até mesmo porque no geral, as provas de concursos públicos ainda exigem tais conhecimentos, normativos e descontextualizados da realidade social (BRASIL, 2000), das pessoas que se proponham a concorrer a determinadas vagas. Mesmo as provas para cargos de professor da carreira pública exigem noções teóricas objetivas de nomenclaturas gramaticais, memorização de regras, etc.

O objetivo maior e geral consiste em: conscientizar o aluno de sua língua materna e levá-lo a refletir sobre o uso e a função da gramática normativa, enquanto acessório e aperfeiçoador de suas competências comunicativas. Já os objetivos específicos são os seguintes: discutir a questão da norma padrão versus norma coloquial; abordar a diferença entre língua e gramáticas (normativas e outras) e como pesquisar na gramática o uso padrão.

O uso da gramática em sala de aula

O uso da gramática dentro da escola não necessita ocorrer apenas para proteger ou conservar a composição da língua, até porque as línguas são mutáveis, mas também para auxiliar o usuário e o falante no conhecimento de sua própria língua materna, possibilitando-lhe o conhecimento de uma dentre as demais características essenciais que pertencem à sua cultura. Deve ser também para desenvolver, um ensino harmonioso na relação entre o ensino da gramática normativa e a contextualizada, sem descartar as nomenclaturas, terminologias e regras, as quais são fundamentais para o desenvolvimento social e cultural dos alunos. De forma que estas últimas permanecem em nível secundário de importância, as terminologias e normas, etc.

De acordo com Possenti (1996), a gramática normativa é a mais conhecida do professor do Ensino Fundamental e Médio, é a definição mais

comum dos livros didáticos. Esses manuais possuem intenção pedagógica, isto é, ela, a gramática, “ensina” o leitor/usuário da língua a falar e escrever corretamente. Ou melhor dizendo, “ensinaria”, como concluiremos adiante.

Assim como o autor Cegalla expõe:

A Gramática, segundo a conceituamos, não é e nem deve ser um fim, senão um meio posto a nosso alcance para disciplinar a linguagem e atingir a forma ideal da expressão oral e escrita. Temerário seria quem pusesse em dúvida a utilidade do estudo da disciplina gramatical. Maldizer da Gramática seria tão desarrazoado quanto malsinar os compêndios de boas maneiras só porque preceituam as normas da polidez que todo civilizado deve acatar. (CEGALLA, 1995, p. 14)

O autor acima explica que o uso da gramática em sala de aula deve ocorrer, porém a mesma não deve ser vista como a única forma correta do bem falar, mas sim como um instrumento a favor do ensino da linguagem oral e escrita. Ela pode ser utilizada em sala de aula, didaticamente, como um auxiliar no ensino da norma padrão. Com isso priorizando o amadurecimento das competências e habilidades comunicativas e linguísticas do aluno.

Mediante algumas situações ocorridas em sala de aula, relacionadas à aprendizagem, fazem-se necessárias algumas mudanças nos procedimentos adotados em relação ao ensino de Língua Portuguesa, pois sabe-se que os alunos pertencem a diferentes meios sociais e devem ser atendidos de acordo com suas necessidades, baseando-se em suas possibilidades de leitura e escrita, assim levando em consideração o potencial gramatical que cada um tem em si já adquirido, ampliando-o, ou seja, enriquecendo o poder linguístico através do ensino da gramática, que tem por objetivo preparar o aluno para uma produção textual obedecendo à norma padrão, quando necessário na situação conveniente.

De certo modo, percebemos que o ensino de língua portuguesa perpassa por muitas dificuldades, não apenas com a forma de ensinar a gramática, mas também a maneira com a qual o professor atua em sua prática. Além de fornecer aos alunos uma orientação válida para a prática de produção de textos

respaldada pelas regras gramaticais, poder-se-ia encontrar métodos dinâmicos e eficientes ao transmitir o conteúdo. Não há uma receita mágica nem respostas milagrosas, o que se mostraria de efeito considerável e sugestivo, seriam novas práticas de ensino que propiciassem ao corpo discente uma aprendizagem significativa.

Para a execução do ensino da língua portuguesa dentro de sala de aula, o professor necessita de estar atento já que o conteúdo da disciplina que ele leciona é de conhecimento empírico do discente. Logo o educador irá ensinar uma nova forma de execução da língua portuguesa já utilizada pelo mesmo, sem se esquecer deste saber prévio do seu aluno.

Segundo Cunha, não existe nem o bem nem o mal, a correção nem a incorreção; o falar de cada um é tão legítimo e irrepreensível como o de qualquer suposta autoridade, e toda intromissão é daninha. (CUNHA, 1968, p. 35)

O gramático Cunha está a mostrar que a fala serve para nos comunicarmos. Então, se a pessoa, o falante, usa a norma coloquial ou a norma culta padrão, não apresenta diferença desde que a mesma consiga se comunicar. É nisto que o professor de língua portuguesa deve atentar para não corrigir seu aluno de forma equivocada e constrangedora, como se o falar usado pelo aluno fosse o errado somente porque ele não está utilizando a norma padrão.

Notamos que alguns gramáticos coerentes com o meio social em que o leitor de seus escritos está inserido preocupa-se para que a gramática não seja vista como o produto final, mas sim como uma ferramenta no ensino da língua portuguesa.

Além disso, a norma culta padrão apregoada pela gramática continua a ser o referencial para a execução de uma boa escrita. Não podemos esquecer que na sociedade a qual pertencemos, os acordos entre pessoas acontecem por meio de documentos escritos, devido a isso se faz necessário o desenvolvimento de uma boa escrita para evitar equívocos. E é desse pressuposto que o ensino dela não foi abandonado em sala de aula. De acordo

com Silva, "a sociedade enobrece o uso da escrita como meio de comunicação e poder". (SILVA, 1986, p. 19). Cabendo portanto ao educador, colaborar para que o seu educando venha ser partícipe e atuante nas estruturas e camadas sociais, tornando-se assim um ente capaz de demandar por seus direitos e cumprir com os deveres mais adequados ao bem comum; e isto se dá, sem que para o mesmo o falante tenha que rejeitar seus conhecimentos linguísticos, mesmo que estes sejam "infratores" da regra. De forma que o sujeito se torna capaz de selecionar uma série de competências diversificadas para cada situação com a qual venha se embater na vida em sociedade.

O ensino de gramática é importante para o desenvolvimento da escrita, pois nós estamos inseridos em uma sociedade contemporânea, na qual nossa aprendizagem é medida para ingressarmos no mercado de trabalho por meio de concursos públicos que exigem dos concorrentes conhecimento das regras da gramática normativa. As provas são elaboradas baseadas nos currículos escolares com propostas pedagógicas, onde a gramática normativa está inserida. Neste caso o aluno deve conhecer a estrutura, os usos e o funcionamento de uma língua nos seus diversos níveis: fonológico, morfológico, lexical e semântico. O professor deve estar atento a estas informações realizando sua tarefa de educador com precisão e competência. E sobretudo, não rejeitar os fatores sociolinguísticos.

Aplicação

Sendo que já nos enunciamos introdutoriamente sobre as concepções teóricas que nos embasaram, podemos desde já relatar e refletir sobre as atividades realizadas em campo. A aplicação do trabalho foi executada no 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública municipal em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

A escola possui o seu projeto político pedagógico embasado nos seguintes referenciais bibliográficos: Brasil – Constituição (1988). I. Pinto, Antônio Luiz de Toledo. II. Windt, Marcia Cristina Vaz dos Santos. III. Lei de

Diretrizes e Bases da Educação – Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). 2. Matemática; Português; História; Geografia; Artes; Educação Física; Inglês. Ensino de 3º ao 9º ano. Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino. 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

No primeiro momento, quando já em contato com os alunos, apresentamos o trabalho que nós estaríamos realizando. Explanamos sobre a diferença entre a língua falada e a escrita. Os tipos de gramáticas existentes e sobre a gramática interna que nós possuímos. E ainda sobre a importância de ter o conhecimento da gramática normativa para acesso às novas oportunidades.

O autor Possenti (1996), descreve que existem três tipos de gramática: a gramática normativa, a gramática descritiva e a gramática internalizada. Explicamos-lhes sobre a gramática interna, a qual todos nós possuímos independentemente de conhecermos a gramática normativa, que Luft explica em seu livro.

Ninguém pode ser “contra” a verdadeira gramática: ela é imanente às línguas. Uma língua é um duplo sistema: sistema de sinais vocábulos, expressões, etc.) e sistema de regras de combinação e desses sinais. Ao segundo desses sistemas é que chamamos de *gramática*. Não há língua sem gramática. Amar uma língua é amar sua gramática. (LUFT, 1985, p. 09)

Devido a constatação feita por estudiosos de que a linguagem utilizada por alguns povos possuía algumas regras, presentes na nossa gramática interna, e visto que se repetiam, então logo começaram a fazer registros destas, até chegar na gramática normativa.

Explicamos sobre a gramática que é utilizada na escola, que possui as regras para a execução “correta do falar e do escrever”.

A primeira definição de gramática – conjunto de regras que devem ser seguidas – é a mais conhecida do professor de primeiro e segundo graus, porque é em geral a definição que se adota nas gramáticas pedagógicas e nos livros didáticos. Com efeito como se pode ler com bastante frequência nas apresentações feitas por seus autores esses

compêndios se destinam a fazer com que seus leitores aprendam a "falar e escrever corretamente". Para tanto apresentam um conjunto de regras, relativamente explícitas e relativamente coerentes, que, se dominadas, poderão produzir como efeito o emprego da variedade padrão (escrita e/ou oral). Um exemplo de regras deste tipo é a que diz que o verbo deve concordar com o sujeito, por um lado e, por outro que existe uma forma determinada e única para cada tempo, modo e pessoa do verbo. (POSSENTI, 1996, p. 64)

Fizemos atividades que tinham no texto escrito as marcações de um texto falado. Primeiramente lemos o texto. Depois os alunos transcreveram o texto com as marcações de fala em um texto escrito dentro das normas textuais. Ao término, fizemos a correção na lousa. Para que eles reconhecessem a diferença entre a fala e a escrita e o porquê da necessidade das mudanças serem imprescindíveis quando fazemos um texto escrito. Segundo as ideias de Koch:

"De forma geral, costuma-se diferenciar escrita de oralidade. Elenca algumas características mais acentuadas:
- fala: não planejada; incompleta; pouco elaborada; predominância de frases curtas, simples ou coordenadas; pouco uso de passivas.
- escrita: planejada; não-fragmentaria; completa; elaborada; predominância de frases completas, com subordinação abundante; emprego frequente." (KOCH, 1992, p. 68)

Os textos foram os seguintes:

O texto reproduz a história de alguém que tinha vontade de estudar. No entanto teve que superar muitos obstáculos para realizar seus sonhos:

A escola em minha vida

(Alzira Aparecida da Silva)

Bom... eu nasci em Sarandi né... e aos quatro anos eu fui pra Castelo Branco né, ... i... i depois de três anos, quando eu completei sete anos né... eu fui pra escola qui... qui... era a coisa que eu queria mais fazê é istudá... daí... chegado na escola eu gostei muito né... só que eu percebia que era muito difícil pru professor, que era um único professor pra... pra... dá aula pras quatro série

né... quatro ano ao mesmo tempo (espanto e comentários dos colegas)... e daí ele tinha que dividi o quadro em quatro parte que era pra... assim né... uma parte pru primeiro ano, pru segundo, pru terceiro ano, pru quarto ano... e daí vendo tudo aquilo, cresceu muito a minha admiração pelo professor (manifestação de concordância dos colegas). Mais tinha um grande problema que... quando eu terminasse o quarto ano ia tê que pará de istudá (alguém pergunta por quê?) ...

Os alunos foram questionados se haviam compreendido o texto. Responderam que sim. Após, alguns deles disseram que estava um pouco confuso. Então, explicamos que isso se devia às marcações coloquiais impregnadas no texto, pois este fora escrito exatamente como a menina falava, sem ter sido antes mediado pela gramática formal. Falamos sobre o papel da fala. Na sequência, expliquei o porquê de sabermos falar e escrever dentro das normas.

Abaixo seguem as transcrições feitas por alguns alunos:

A escola em minha vida.

Bom eu nasci em Sarandi e, aos quatro anos eu fui para Castelo Branco e depois de três anos, quando eu completei sete anos eu fui para a escola que era a coisa que eu mais queria fazer era estudar e chegando na escola eu gostei muito e só que eu percebi que era muito difícil para o professor, que era o único professor para dar aula para quatro séries e quatro anos ao mesmo tempo (espanto e comentários dos colegas) e daí ele tinha que dividir o quadro em quatro partes que era assim e uma parte para o primeiro ano, para o segundo, para o terceiro e para o quarto ano e daí vendo o sofrimento do professor, e cresceu a admiração pelo professor (manifestação de concordância dos colegas). Mas tinha um grande problema que: quando eu terminasse o quarto ano ia ter que parar de estudar (alguém pergunta por quê?)...

Figura 1. Transcrição feita pelo aprendiz com as correções para a formação do texto escrito.

A escola em minha vida

Eu morci um Carandá, e dei quatro anos eu fui para Castelo Branco, e depois de três anos, quando eu completei sete anos, eu fui pra escola que era a coisa que eu queria mais fazer é estudar. Daí chegado na escola eu gostei muito... Só que eu percebia que era muito difícil para os profusores, que era a única profusora para dar aula para os quatro séries, quatro séries ao mesmo tempo (experto e comentois, dois colegas), e daí ele tinha que dividir os quatro em quatro partes que era uma parte para os primeiros anos, para os segundos, para os terceiros anos e para os quartos anos, e daí vendo tudo aquilo, venha muito a minha admiração pelo profusor (manifestação de concordância dos colegas). tinha um grande problema que quando eu terminasse os quatro anos eu não ter que parar de estudar (alguém perguntou o por quê?).

Figura 2. Transcrição do texto "A escola em minha vida" sem as marcações da fala.

Nas duas transcrições acima evidenciamos que os alunos foram capazes de transcrever o texto sem as principais marcações da fala. Embora tenham mantido um texto com apenas um parágrafo, notamos que ao menos as partes mais marcantes da oralidade foram retiradas.

Além disso, após a leitura do texto, fizemos uma breve discussão sobre o conteúdo a ser transmitido, sobre a forma de falar do narrador e a situação social em que o mesmo está inserido, para estimular a percepção do que uma leitura exige.

Como Orlandi (2008) relata sobre a importância dos gestos na linguagem, como a "corporeidade" também serve como marca no texto para transmitir uma mensagem.

Orlandi também expõe:

O momento em que o sujeito diz o que diz. Em que se assume autor. Representa-se na origem do que diz com sua responsabilidade e suas necessidades. Seus sentimentos seus desígnios, suas expectativas, sua determinação. (ORLANDI, 2008, p. 10)

Trabalhamos a dificuldade escolar dita no texto pela personagem narradora, contextualizando esta situação com a realidade das escolas nas regiões menos favorecidas, como no interior do nordeste brasileiro.

No segundo texto, nós lemos juntos e depois os alunos responderam às seguintes perguntas:

"Português é fácil de aprender porque é uma língua que se escreve exatamente como se fala?"

Jô Soares. Revista "Veja" - 28.11.90

Pois é. U português é muito faciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ix

atamente cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português não. É só prestatenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol qui é parecidu, si iscrevi muinto diferenti. Qui bom qui a minha língua é u português. Quem soubé falá sabi iscrevê.

"Reescreva as frases abaixo, da linguagem oral, passando-as para a linguagem escrita."

"U português é muito faciu di aprender, purqui é uma língua qui a genti iscrevi ixatamente cumu si fala."

"Num bate nada com nada."

O Português é muito fácil de aprender, porque é uma língua que a gente escreve exatamente como se fala.

Não bate nada com nada

Português é fácil de aprender, porque é uma língua que a gente escreve exatamente como se fala. Não bate nada com nada.

Figura 3. Os alunos transcreveram de acordo com seus conhecimentos as frases que continham as marcações da fala para a escrita sem essas marcas da oralidade.

Percebemos que os estudantes conseguiram decodificar de forma correta, ou seja, identificar que a forma escrita continha as marcações presentes na fala de uma pessoa. De acordo com as definições de Orlandi:

Do ponto de vista da linguística imanente, se poderia tomar a leitura como decodificação e se proporiam técnicas que derivassem do conhecimento linguístico escrito. Dir-se-ia, então, que o texto tem um sentido e o aluno deveria apreender esse sentido. (ORLANDI, 2001, p. 37)

Na atividade acima, embora a atividade fosse menos complexa que a anterior, o aluno conseguiu cometer alguns erros de transformação da oralidade para a reescrita. O objetivo das atividades era a reflexão e o reconhecimento de marcações presentes na fala que não devem existir na escrita. Podemos notar que eles apresentaram alguns erros de ortografia, deixando de perceber outros. Porém o foco da atividade, no geral, foi alcançado. As marcações principais foram retiradas.

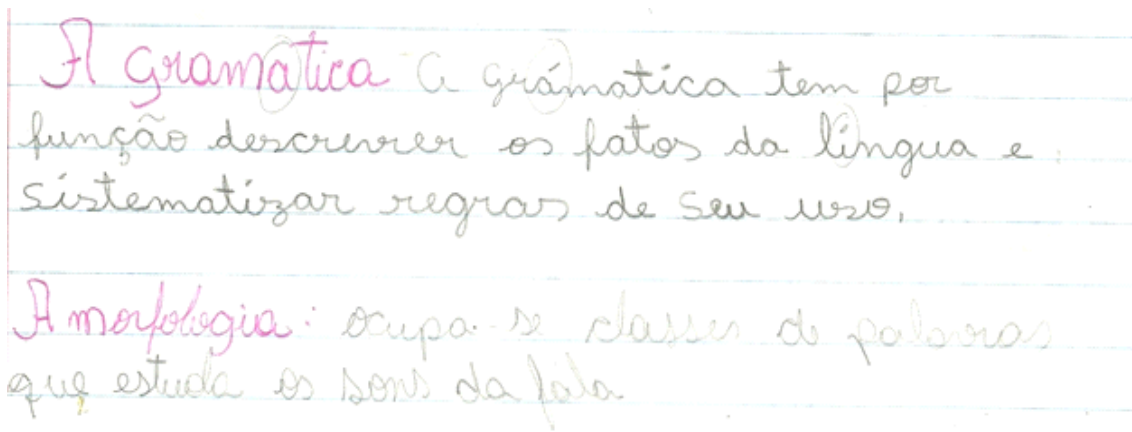
Essa atividade anterior nos mostrou que na fala existe uma liberdade maior do que na escrita, porém essa rigidez na escrita é necessária para que a comunicação seja preservada. Assim como, o autor Faraco explica sobre a importância dessa diferença da escrita da fala:

Essa neutralidade da grafia em relação à pronúncia é extremamente vantajosa: trata-se de um sistema uniforme que serve para grafar as muitas variedades da língua, permitindo uma base segura de comunicação entre falantes de variedades diferentes. Se não fosse

essa uniformidade, a grafia perderia sua utilidade como sistema de representação da língua falada. (FARACO, 2001, p.11)

Realizamos também a execução de um fichário gramatical, contendo as dez classes gramaticais. Os alunos foram colocados em duplas e começaram a trabalhar com a gramática.

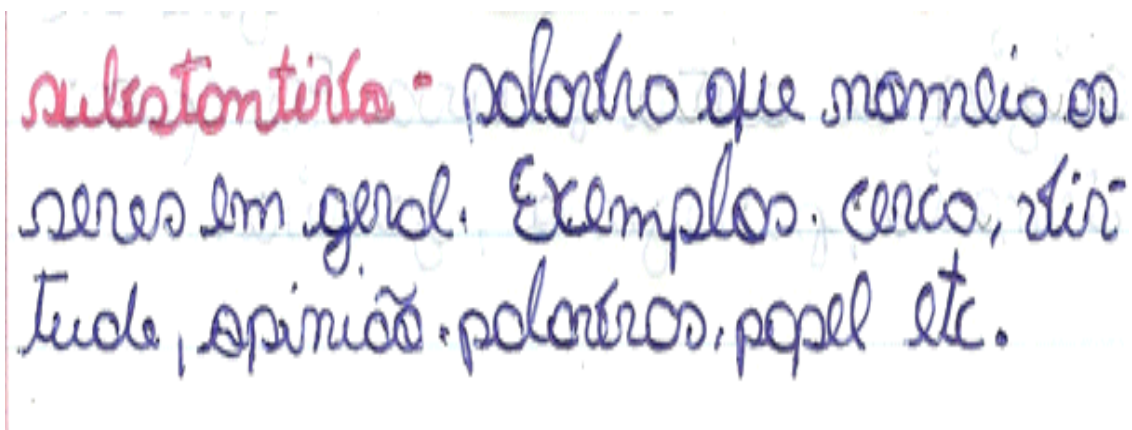
Os discentes tiveram dificuldade em encontrar o que lhes fora pedido na gramática, provavelmente em razão da não experiência no manuseio da mesma. Como podemos constatar nessa primeira atividade, o aluno abstraiu uma parte correta do que é morfologia e a outra parte que seria a explicação de fonologia, ou seja, pela falta de contato o aluno, consiste o equívoco durante a pesquisa.



A gramática: a gramática tem por função descrever os fatos da língua e sistematizar regras de seu uso.

A morfologia: ocupa-se das classes de palavras que estuda os sons da fala.

Figura 4. Atividade realizada por aluno.



substantivo: palavra que nomeia os seres em geral. Exemplos: cervo, virtude, tudo, opinião, poltronas, papéis etc.

Figura 5. Atividade feita pelo discente da classe de palavras: substantivo.

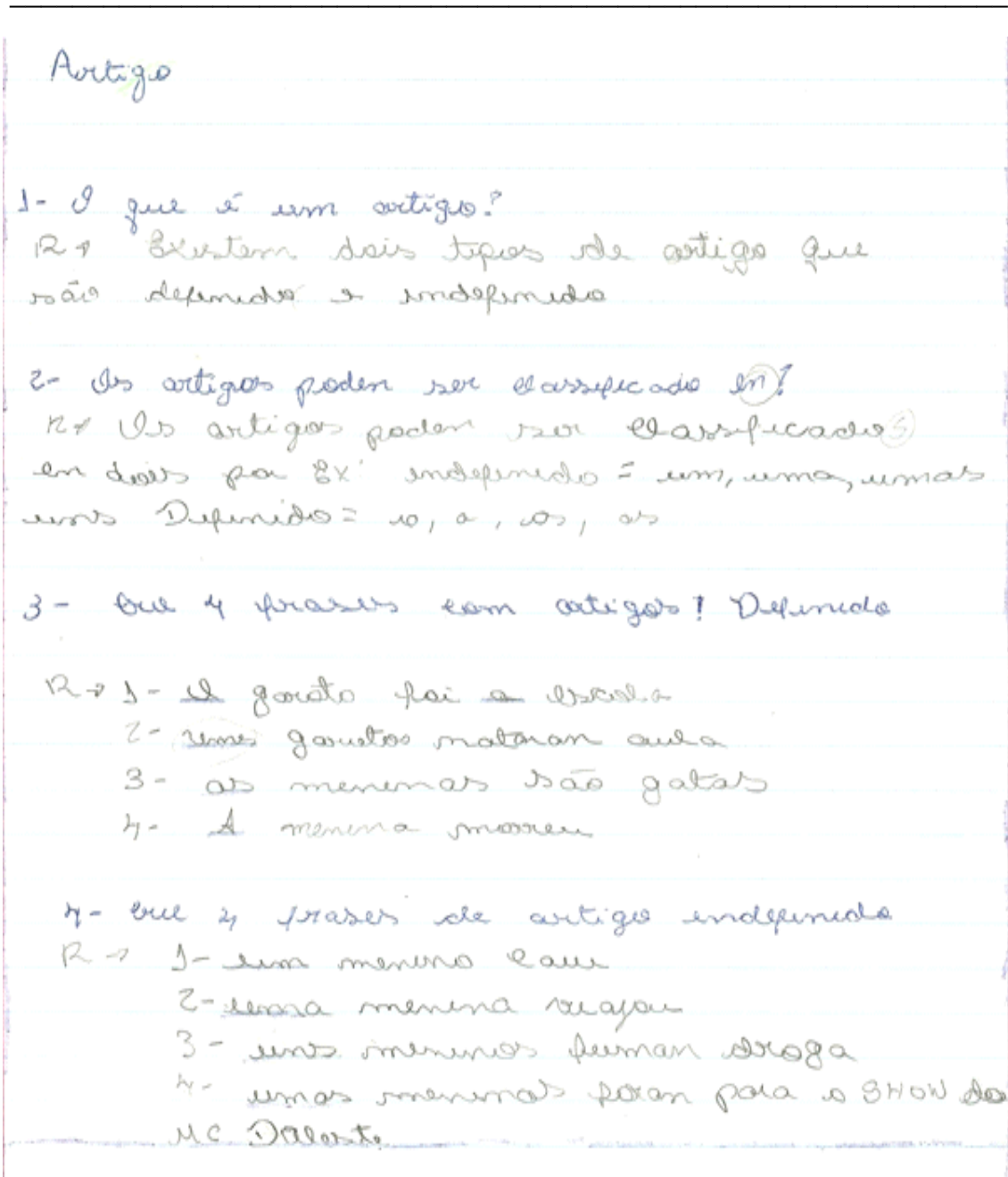


Figura 6. Atividade que o discente utilizou como exemplo fatos do seu cotidiano.

Embora o estudante tenha criado os exemplos, citados acima, com situações do seu cotidiano, verificamos que o uso dos artigos foi errôneo.

-Lúdico no geral é qualidade.

Figura 7. Atividade que o aluno conseguiu definir à classe morfológica com suas palavras.

Em certos instantes os discentes sentiram dificuldades em parafrasear a escrita do conteúdo gramatical, devido ao acesso deste ser transmitido pela professora na lousa.

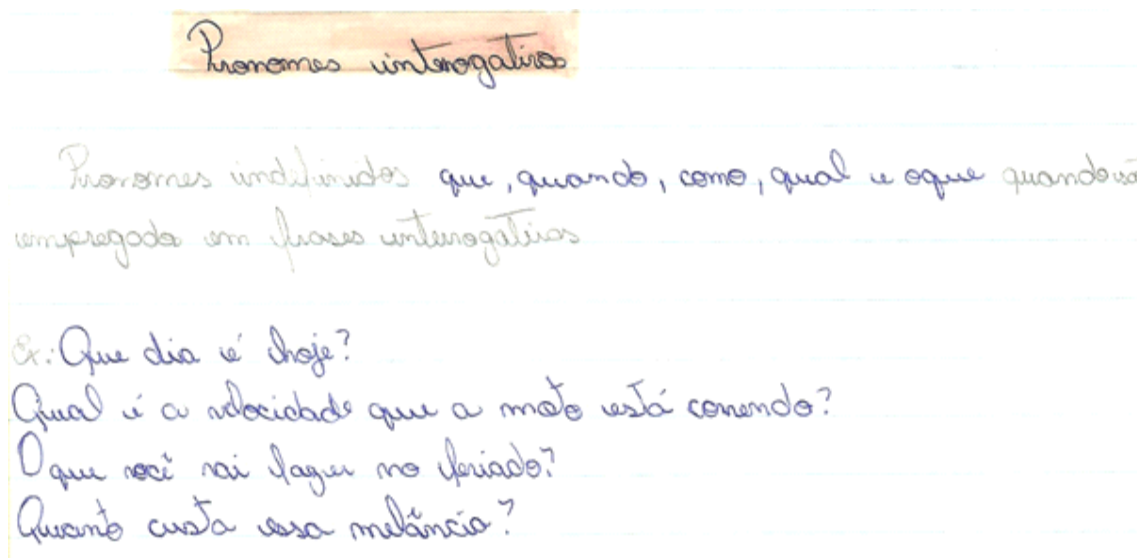


Figura 11. Atividade que o discente criou exemplos pertinentes.

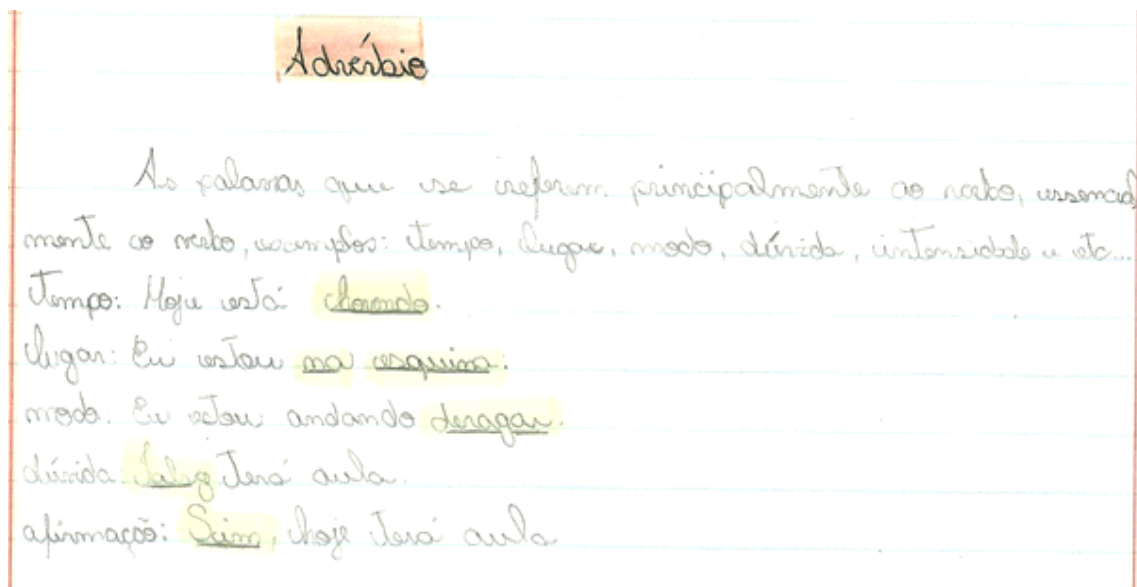
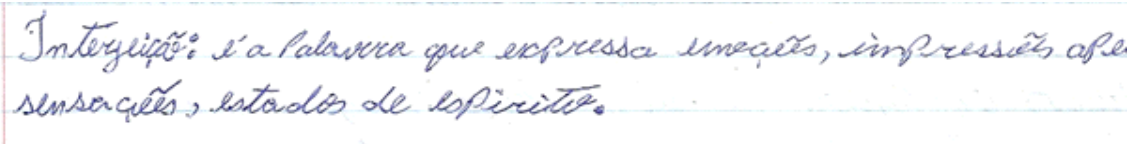


Figura 12. O estudante também criou exemplos coerentes com os advérbios.

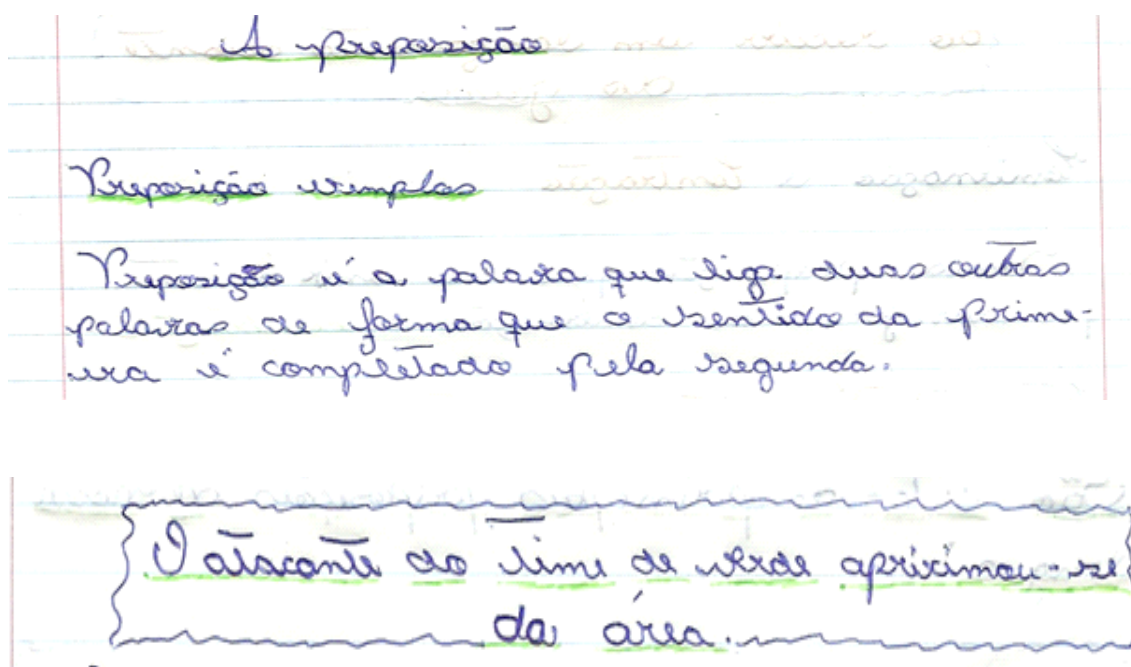
Na atividade acima os exemplos usados pelo aprendiz foram coerentes. Os exemplos feitos pelo estudante foram interessantes, demonstrando conhecimento no emprego dos pronomes interrogativos.

Logo abaixo o aprendiz apenas dissertou com quem o advérbio tem relação, mas não disse qual a sua função na frase.



Interjeição: é a palavra que expressa emoções, impressões e sensações, estados de espírito.

Figura 13. O discente conceituou à classe morfológica: Interjeição.



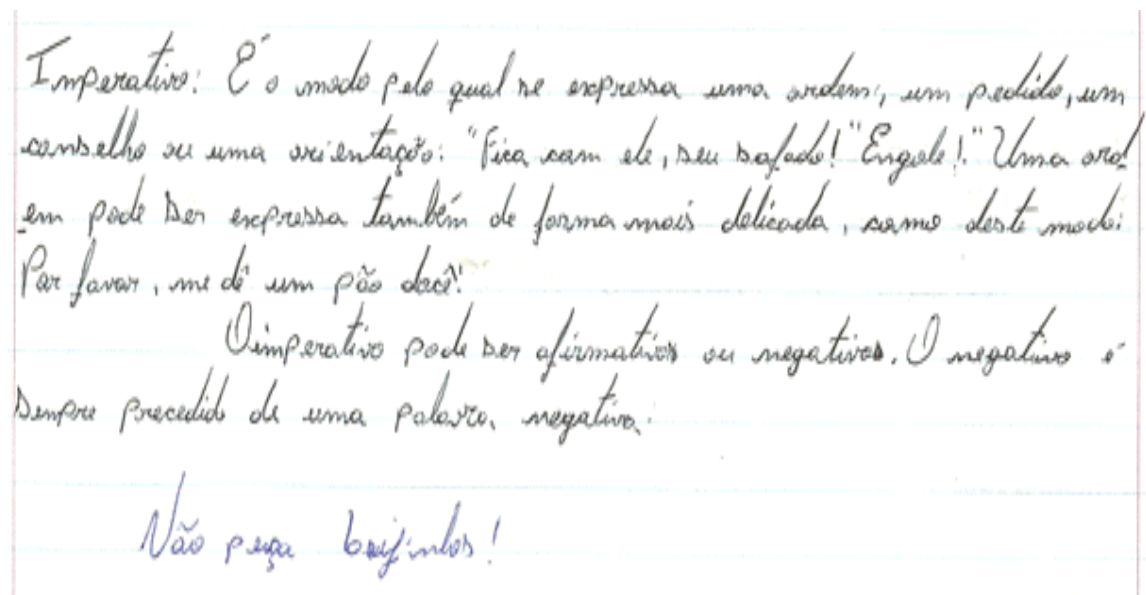
A preposição

Preposição simples

Preposição é a palavra que liga duas outras palavras de forma que o sentido da primeira é completado pela segunda.

O avião do time de vôlei aproximou-se da área.

Figura 14. Conceito de preposição e exemplo feito pelo estudante.



Imperativo: É o modo pelo qual se expressa uma ordem, um pedido, um conselho ou uma orientação: "fica com ele, seu rapaz!" "Engale!". Uma ordem pode ser expressa também de forma mais delicada, como deste modo: "Por favor, me dê um pão doce!".

O imperativo pode ser afirmativo ou negativo. O negativo é sempre precedido de uma palavra negativa:

Não peça bairinhos!

Figura 15. Aluno explicou o conceito do verbo no imperativo e exemplificou.

Indicativo:

É o modo da certeza, empregado para indicar que algo seguramente acontece, aconteceu ou acontecerá: "Se vier, dá o dinheiro".

Exemplos: Faço, como.

Eu faço pão todo dia.

Eu como comida.

Subjuntivo: É o modo da hipótese ou da possibilidade, utilizada para indicar que algo pode vir a acontecer: "Se você me der um beijo, eu dou um pedaço do meu pão doce!".

Normalmente é empregado depois de verbos que dão ideia de ordem, possibilidade, desejo, vontade, pedido, concessão. Veja:

Quero que você entregue os convites hoje.
Terei se você também for.
Desejo que você seja muito feliz.

Figura 16. O aprendiz estava conceituando o modo indicativo e o subjuntivo, porém o aprendiz escreve substantivo no lugar de substantivo.

Nas demais representações os discentes apenas transcreveram as definições demonstradas na gramática, com alguns erros de ortografia, no local onde se deveria colocar modo subjuntivo do verbo, o discente escreveu substantivo. Apenas nos momentos em que utilizaram os exemplos é que conseguiram escrever com as próprias palavras.

Resultados e discussões

Os estudantes conseguiram perceber a diferença entre um texto escrito dentro das normas formais e um texto com as marcações da fala. De fato o objetivo dessa atividade era este, que eles identificassem que a escrita necessita de regras padronizadas (contidas na gramática) como forma de

auxiliar a comunicação. Visto que na fala a liberdade de expressão é maior; algo que facilita a comunicação. Porém na escrita, necessita-se de uma certa rigidez para garantir que a mensagem seja entendida por qualquer leitor, em qualquer tempo, já que o escritor não estará presente para tirar possíveis dúvidas sobre o assunto relatado. Algo que ainda assim é instável, exemplo disso é que a obra magna de Camões, *Os Lusíadas*, mesmo que tenha sido escrita com o máximo rigor formal, seu sentido nos escapa do entendimento, assim como outros textos arcaicos que necessitam de adaptação, notas e comentários. Isto consiste em uma das evidências da mutabilidade da língua, sujeita ao tempo e ao espaço.

A utilização dos textos com as marcações da oralidade servem para unir a linguagem coloquial, que é a mais conhecida pelos alunos, com a linguagem formal que o estudante vem para a escola conhecer. A reflexão linguística, ocorre em conjunto com a leitura, a partir do momento em que deixa de ser mecânica para se tornar uma construção de uma compreensão dos sentidos transmitidos pelo texto. Quando esta perde seu caráter meramente mecânico, temos o momento apropriado para a expressão da subjetividade do seu autor, satisfazendo as necessidades comunicativas, registrando e compreendendo suas vivências do mundo no qual é participante (GERALDI, 1996).

Os estudantes apresentaram interesse pelas atividades, gostaram dos textos. Que serviram para o seu crescimento no processo de aprendizagem, saindo do ponto mais próximo da realidade deles para o alcance da linguagem formal que buscam em sua vida escolar.

Notamos que quando os alunos se defrontaram com a gramática, apresentaram conhecimento do que era aquele livro, ainda que um saber bastante rarefeito. Eles sabiam que ali estava o conjunto de regras da língua da qual falávamos, porém não tinham o hábito de manuseá-la.

Quando começaram a manuseá-la, cada dupla teve à incumbência de pesquisar uma classe de palavras e criar alguns exemplos para a mesma. Logo de início, eles tiveram dificuldade de encontrar o que lhes fora pedido. Alguns deles depois conseguiram encontrar o objeto da pesquisa, apresentaram

dificuldades de compreensão, ou seja, não conseguiram transcrever com as próprias palavras aquilo que havia sido pedido.

Goulart relata, de acordo com os estudos de Piaget, que a única forma do aluno ser ativo, consiste em deixá-lo organizar seus afazeres com um objetivo de certa forma pré-estabelecido. Porém alguns professores acreditam que isto leva a “perdas de tempo”. Fazendo com que os alunos percam a oportunidade de realizar suas próprias tentativas e estruturar seu próprio conhecimento (GOULART, 1998, p. 18).

Constatamos que não apenas o conhecimento gramatical é fragmentado, mas que o saber de como manipular a gramática, como livro, também é insatisfatório. Isto deve-se a falta de contato entre aluno e gramática, tornando-o totalmente dependente do professor para a obtenção do conhecimento. “... a educação deve ser orientada para a autonomia” (GOULART, 1998, p. 21). Esta falta de autonomia do discente é prejudicial, deixando-o limitado em seus recursos de pesquisa.

Como forma de “poupar” tempo, nessa escola, a professora coloca o conteúdo das dez classes gramaticais no quadro, devido a esta atitude da educadora os alunos não conseguem utilizar a gramática com habilidade.

O aprendiz conhecedor de como utilizar a gramática é capaz de usufruir dos seus benefícios quando for estudar, seja durante o Ensino Fundamental, ou no Ensino Médio ou até mesmo no Ensino Superior. Ele terá habilidade de utilizá-la para tirar suas dúvidas. Como exemplo, quando for produzir um texto e estiver indeciso na forma de escrever alguma palavra, poderá recorrer até à gramática, como uma ferramenta a serviço da escrita, assim como o dicionário é utilizado. Infelizmente as provas e os concursos não pensam assim, e tratam dos seus candidatos como se eles devessem ter gravadas as nomenclaturas e todas as regras em suas mentes. Conceitos que de fato não são imediatamente úteis na vida da maioria das pessoas, que se bastariam muito bem de apenas saber consultar tais regras.

Considerações finais

No decorrer da vida escolar, o aluno deve aprender a consultar tanto o dicionário, quanto a gramática, a partir do estímulo de seus professores, pois isso faz parte do processo de ensino-aprendizagem. A ausência de hábitos como esses prejudicam não só o desenvolvimento do aluno como do indivíduo social, também afetando a sua curiosidade científica, uma vez que ele estará sempre na dependência de outras pessoas na hora de produzir, ou não se importará com a responsabilidade de sua produção.

Como ocorreram nas atividades de pesquisa realizadas pelos discentes no uso do material gramatical, estes não sabiam manipular a gramática como um livro. No primeiro momento de pesquisa do conteúdo que lhes estava sendo exigido, muitos não conseguiram encontrar no índice o que fora pedido. Quando tiveram que fazer a paráfrase sobre o assunto apresentaram dificuldades de compreensão devido à falta de contato com a mesma.

Cabe lembrar ainda, que o ensino da gramática normativa não é apenas para proteger ou conservar a composição da língua, como denunciam alguns teóricos, mas, sobretudo, para subsidiar o usuário em suas necessidades textuais e orais, garantindo ainda que o falante da língua conheça o funcionamento de sua própria língua materna, possibilitando a total noção de características essenciais que pertencem à sua cultura.

A gramática não pode ser "omitida", devendo ser conhecida pelos usuários da língua, pois assim evitarão que, no futuro, o aluno pergunte: gramática? O que é isso? Logo o ensino da gramática normativa deve existir, como uma ferramenta a mais, para o discente recorrer para o desenvolvimento da escrita, sem descartar completamente as terminologias e regras gramaticais, que são fundamentais para o desenvolvimento cultural e social do aluno.

Vale acrescentar que nossa prática didática cotidiana no ensino tem testado e constatado a ineficiência do ensino da gramática tradicional com fim em si mesma. Para dar consistência de prova ao que se diz, exemplificam-se alguns conceitos que a gramática normativa apresentam com incongruências e

regras sobre usos não ocorrentes da língua. Como o caso da colocação pronominal – mesóclise.

O que falta no ensino da gramática, de acordo com a didática é a aplicabilidade, pois quando aprende-se algo que serve de uso em nossas vidas, certamente ficará guardado dentro de nós, de maneira tal que não esqueceremos. Acredita-se que há possibilidade da gramática condizer com a nossa realidade, utilizando a própria fala dos alunos para por isso em prática. Por exemplo, quando um aluno expressa algo comum na fala de sua comunidade como os regionalismos e os neologismos, pode-se aproveitar a oportunidade e intervir nessa fala, mostrando que, muitas vezes, há várias formas de dizer a mesma palavra, que a Linguística explica todas essas variações e posteriormente demonstrar como a gramática normativa usa essa palavra.

Na tarefa sobre a reescrita do pequeno texto, dentro de sala de aula, que contém as marcações da oralidade foi possível trabalhar sobre a linguagem informal e as possibilidades de leitura que podem ser feitas, como identificar não apenas o assunto que está sendo tratado, mas também características da pessoa e do contexto social-histórico a que pertence. Já quando buscamos formalizar o texto, certas regras devem ser respeitadas para garantir a seguridade de transmissão da mensagem.

Outro ponto que falta no ensino de gramática é acabar com certas "decorebas", muitas vezes, aprende-se na escola que os verbos: ser, estar, continuar, parecer, permanecer, dentre outros, sempre serão verbos de ligação, e ao chegar à faculdade leva-se um choque ao se deparar que depende da situação no texto ou da frase para que esse verbo seja realmente de ligação.

Nesse contexto, pode-se afirmar que o ensino da gramática é importante, como uma ferramenta auxiliar, pois a mesma oferece condições para o aluno ampliar seu discurso linguístico em relação ao funcionamento da língua normativa, através do conhecimento de regras gramaticais trabalhadas em atividades aplicadas pelos professores que demonstram as variedades

linguísticas levando o aluno a entender a estrutura, o uso e o funcionamento da língua materna.

Para a produção textual é importante primeiramente, que o aluno tenha ampla visão de mundo, caso essa não seja a realidade do mesmo, é imprescindível que o professor aborde o assunto determinado em sala de aula, através de debates e pesquisas, para que o aluno construa seu próprio conhecimento de forma crítica e reflexiva. A partir de então, aplica-se o conhecimento das normas gramaticais, que ajudarão o aluno na estruturação de seu texto, pois para escrever bem é necessário o uso adequado das palavras que dão uma sequência lógica e coesa ao texto.

Referências

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEB, 2000.

FARACO, Carlos Alberto. *Repensando a língua portuguesa: escrita e alfabetização*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. 1. ed. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

GOULART, Iris Barbosa. *Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor*. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

http://intervox.nce.ufrj.br/~diniz/d/direito/ouApostila_Portugues_Oralidade_x_Escrita_1.pdf acesso: 03/05/2013.

KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela linguagem*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino*. 13. ed. Porto Alegre: L& PM, 1985.

LÚZIO, Ellen Regina Camargo. *Marcas da oralidade em textos escritos*. UNEMAT/AIA. Alto Araguaia, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*.
3. ed. São Paulo: Pontes, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 7. ed. Mercado de
Letras: São Paulo, 1996.